



Eleições 2010

Publicamos neste terceiro número, além de nosso terceiro manifesto, uma proposta de parada para o dia das eleições, um vídeo de uma entrevista com a candidata Dilma sobre o aborto e o casamento homossexual e artigos sobre a temática do aborto, das homossexualidades e identidades LGBTTT no contexto do segundo turno das eleições 2010.

Manifesto NIGS | Eleições 2010

Número 3, Outubro de 2010

Parada do Orgulho Laico

Manifeste-se! Dia 31 de Outubro, em uma urna perto de você.

Entrevista Coletiva de Dilma em Teresina/PI

Dilma fala sobre casamento entre homossexuais e Estado Laico

Página 2

Carta Aberta da ABGLT à Dilma e Serra

Vote contra a homofobia, defenda a cidadania.

Página 3



A vitória do familismo homofóbico e conservador

Sociólogo Alípio de Souza Filho, da UFRN, discute o papel da ideologia cristã nas Eleições 2010.

Página 4

De boas intenções o inferno está cheio

Antropóloga Anelise Fróes, do NIGS/UFSC, reflete sobre os retrocessos que se anunciam na escolha d@ nov@ president@ do Brasil

Página 5

Existimos e resistimos

Sociólogo Luiz Mello, professor e pesquisador da UFG, aponta para os perigos do silêncio e da não-resistência.

Página 6



O PT pode mais!

Sou daquelas que é "PT desde criancinha"; meus pais votaram Lula desde a redemocratização, eu ia nos ombros deles à comícios e usava a estrelinha vermelha na minha mochila do colégio. Lembro da animação familiar com a primeira eleição do Lula, e também da tristeza de perceber as novas coligações e o abandono de ideais tão caros a nós, como a reforma agrária. Oito anos passaram, aprendemos a lidar com esse novo PT, esse novo Lula, a ficarmos felizes com a suas vitórias e fazer vistas grossas às atrocidades como o projeto para a construção da usina de belo-monte.

Com Dilma esperávamos que a carruagem continuasse com esse mesmo andar, lento mas sempre para frente; e mais, esperávamos que assuntos que a muito eram ignorados – como legalização do aborto e união civil homossexual – fossem finalmente abordados. Surpresos vemos que esses assuntos tem sido de fato amplamente tratados nessa



"Porque podemos mais do que baixar nossas cabeças aos reacionários"

campanha, mas da maneira mais assustadora possível. Chantageada (e é essa a palavra que acho mais adequada) por lideranças religiosas Dilma cedeu, muito mais facilmente do que gostaríamos, à posições retrógradas e obscurantistas e assinou a temida carta na qual se compromete a deixar tudo como está; se compromete à ignorar as mulheres que morrem diariamente por falta de condições dignas para o aborto, se

compromete à ignorar o ódio homofóbico incitado por fundamentalistas que está cada vez mais presente em nossa sociedade, à negar a cidadãos e cidadãs seus direitos civis.

E é agora que, tomando o mote da oposição, devemos nos colocar e afirmar que o Brasil pode mais, mesmo! Podemos mais do que baixar a cabeça para uma "maioria" reacionária, nós também somos uma maioria! Nós também temos força política e nossas demandas sociais a muito silenciadas por "assuntos mais importantes" devem ser ouvidas e respeitadas!

Junto minha voz ao apelo da ABLGT e peço que Dilma não volte atrás em suas posições antes tão corajosamente tomadas! Não nos faça voltar atrás no nosso voto, não nos faça ter vergonha de termos te defendido ao longo dessa campanha, não nos faça ver o voto nulo como única opção viável.

Fernanda Moraes (PPGAS/NIGS/UFSC)



Parada do #OrgulhoLaico

Dia 31 de Outubro de 2010
Em uma urna perto de você.

Apoio: SARCASTICO.comBR
www.sarcastico.com.br

Parada do Orgulho Laico

A Parada do Orgulho Laico é um dia de manifestações dos cidadãos que prezam pela separação entre o Estado e a Religião.

Diante das recentes campanhas dos candidatos à presidência da república nas Eleições 2010, com discursos que apenas contemplam os princípios religiosos na sociedade, um movimento espontâneo de reafirmação do [Estado Laico](#) surgiu no [Twitter](#).

A Parada do Orgulho Laico acontecerá no mesmo dia de votação do 2º turno para presidente do Brasil (dia 31 de Outubro). Para participar basta votar com uma camiseta preta ou branca estampada com a palavra **#OrgulhoLaico**.

*Divulgue a Parada do
#OrgulhoLaico nas suas redes!*



Entrevista coletiva de Dilma em Teresina (PI) - 13 de outubro
[dilmanaweb](#)

<http://www.youtube.com/watch?v=OOizc1bfAuM>



Eleições 2010

Vote contra a homofobia: defenda a cidadania.



Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros:
Junt@s Somos Mais Fortes!

Carta aberta da ABGLT as candidaturas de Dilma Roussef e José Serra

Prezada Dilma e Prezado Serra,

A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT, é uma entidade que congrega 237 organizações da sociedade civil em todos Estados do Brasil. Tem como missão a promoção da cidadania e defesa dos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, contribuindo para a construção de uma democracia sem quaisquer formas de discriminação, afirmando a livre orientação sexual e identidades de gênero.

Assim sendo, nos dirigimos a ambas as candidaturas à Presidência da República para pedir respeito: respeito à democracia, respeito à cidadania de todos e de todas, respeito à diversidade sexual, respeito à pluralidade cultural e religiosa.

Respeito aos direitos humanos e, principalmente, respeito à laicidade do Estado, à separação entre religião e esfera pública, e à garantia da divisão dos Poderes, de tal modo que o Executivo não interfira no Legislativo ou Judiciário, e vice-versa, conforme estabelece o artigo 2º da Constituição Federal: **“São Poderes da União, independentes e harmônicos entre si, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário.”**

Nos últimos dias, temos assistido, perplexos, à instrumentalização de sentimentos religiosos e concepções moralistas na disputa eleitoral.

Não é aceitável que o preconceito, o machismo e a homofobia sejam estimulados por discursos de alguns grupos fundamentalistas e ganhem espaço privilegiado em plena campanha presidencial.

O Estado brasileiro é laico. O avanço da democracia brasileira é que tem nos permitido

pautar, nos últimos anos, os direitos civis dos homossexuais e combater a homofobia. Também tem nos permitido realizar a promoção da autonomia das mulheres e combater o machismo, entre os demais avanços alcançados. O progresso não pode parar.

Por isso, causa extrema preocupação constatar a tentativa de utilização da fé de milhões de brasileiros e brasileiras para influir no resultado das eleições presidenciais que vivenciamos. Nos últimos dias, ficou clara a inescrupulosa disposição de determinados grupos conservadores da sociedade a disseminar o ódio na política em nome de supostos valores religiosos. Não podemos aceitar esta tentativa de utilização do medo como orientador de nossos processos políticos. Não podemos aceitar que nosso processo eleitoral seja confundido com uma escolha de posicionamentos religiosos de candidatos e eleitores. Não podemos aceitar que estimulem o ódio entre nosso povo.

O que o movimento LGBT e o movimento de mulheres defendem é apenas e tão somente o respeito à democracia, aos direitos civis, à autonomia individual. Queremos ter o direito à igualdade proclamada pela Constituição Federal, queremos ter nossos direitos civis, queremos o reconhecimento dos nossos direitos humanos. Nossa pauta passa, portanto, entre outras questões, pelo imediato reconhecimento da união estável entre pessoas do mesmo sexo e pela criminalização da discriminação e da violência homofóbica.

Cara Dilma e Caro Serra

Por favor, voltem a conduzir o debate para o campo das ideias e do confronto programático, sem ataques pessoais, sem alimentar intrigas e boatos.

Nós da ABGLT sabemos que o núcleo das diferenças entre vocês (e entre PT e PSDB) não está na defesa dos direitos da população LGBT ou na visão de que o aborto é um problema de saúde pública.

Candidato Serra: o senhor, como ministro da saúde, implantou uma política progressista de combate à epidemia do HIV/Aids e normatizou o aborto legal no SUS. Aquele governo federal que o senhor integrou também elaborou os Programas Nacionais de Direitos Humanos I e II, que já contemplavam questões dos direitos humanos das pessoas LGBT. Como prefeito e governador, o senhor criou as Coordenadorias da Diversidade Sexual, esteve na Parada LGBT de São Paulo e apoiou diversas iniciativas em favor da população LGBT.

Candidata Dilma: a senhora ajudou a coordenar o governo que mais fez pela população LGBT, que criou o programa Brasil sem Homofobia, e o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT, com diversas ações. A senhora assinou, junto com o presidente Lula, o decreto de Convocação da I Conferência LGBT do mundo. A senhora já disse, inúmeras vezes, que o aborto é uma questão de saúde pública e não uma questão de política.

Portanto, candidatos, não maculem suas biografias e trajetórias. Não neguem seu passado de luta contra o obscurantismo.

A ABGLT acredita na democracia, e num país onde caibam todos seus 190 milhões de habitantes e não apenas a parcela que quer impor suas ideias baseadas numa única visão de mundo. Vivemos num país da diversidade e da pluralidade.

É hora de retomar o debate de propostas para políticas de governo e de Estado, que possam contribuir para o avanço da nação brasileira, incluindo a segurança pública, a educação, a saúde, a cultura, o emprego, a distribuição de renda, a economia, o acesso a políticas públicas para todos e todas!

Eleições 2010, segundo turno, em 15 de outubro de 2010.

ABGLT – Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

As eleições e a vitória da ideologia familista cristã

Alípio de Sousa Filho

Sociólogo, professor da UFRN. Editor da revista Bagoas.

Mais uma vez, nas eleições nacionais, entra em cena a ideologia familista cristã. De natureza conservadora, para esta, a família somente pode ter existência na forma do casamento entre homens e mulheres, não se tolerando a ideia de família homossexual, homoafetiva ou gay, concretizada pela união de dois homens ou duas mulheres. Até mesmo o termo casamento vira objeto de disputa, não se admitindo aplicar a gays, lésbicas e transexuais. Não é por outra razão que, quando se fala da reivindicação ao reconhecimento dos casais lésbicos ou gays, insiste-se em precisar que se trata de reconhecimento de “união civil” de pessoas do mesmo sexo. O casal heterossexual não apenas seria o único modelo para o qual se tornaria possível falar de casamento, mas constituiria também a experiência única de composição da família, e esta devendo ainda assegurar que nela não se pratique o sexo antes e fora do casamento e o aborto. No familismo cristão, gays, lésbicas e transexuais são seres aberrantes, que não merecem a institucionalização de direitos, e o aborto é pecado e crime. No Brasil, leis e políticas que implementem direitos LGBT e políticas que contemplem o aborto são tomadas como afrontas à propalada família brasileira, e esta pretendidamente uma “família cristã”. É bem fácil de enxergar que o familismo cristão é conservador e homofóbico. Nestas eleições, a atuação de bom número de igrejas cristãs tem constituído verdadeiro cerco em volta das candidaturas presidenciais.

Para prejuízo geral, a luta por vencer tem tornado Dilma e Serra reféns dessa ideologia, produzida pela máquina das igrejas cristãs de todos os matizes. Em nome do pragmatismo político ou das estratégias do marketing, que colocam a ação política sob o signo da dicotomia maniqueísta ou do vale tudo, os dois candidatos rebaixam suas próprias visões pessoais e de seus partidos, pois, não é de se acreditar que pensem o que estão dizendo nas entrevistas, em seus programas políticos, cartas ou documentos que assinam. Fazendo concessões ao familismo cristão conservador, os dois, com poucas distinções, deixam a sociedade escravizada ao seu próprio obscurantismo, quando tinham o dever político de enfrentá-lo, desafiá-lo, contribuindo com avanços culturais, que, até aqui, a sociedade brasileira quase inteira ignora. E aqui vale destacar que, de minha parte, não se trata de tomar um ou outro candidato como vítima ou algoz, menos ou mais cúmplice da ideologia

familista cristã ou até mesmo menos ou mais seu manipulador. Fora do maniqueísmo das paixões políticas (muito em alta no momento!) e da lógica empobrecida do pragmatismo (não é pragmático discutir temas para perder, melhor esconder posições e ganhar!) – formas autoritárias da política –, trato de chamar atenção para o dano político e cultural que se produz ao se perder a chance de enfrentar, mesmo com diferenças, o conservadorismo que amanhã atrapalhará o vencedor que pretenda emplacar transformações, e que já atrapalha avanços que a sociedade brasileira não pode mais continuar negando ao segmento LGBT e de mulheres, que, embora minorias políticas, são numericamente importantes segmentos sociais.

Nestas eleições, por temor de enfrentar o familismo cristão conservador, a questão gay não aparece nos programas eleitorais de nenhum dos candidatos, não é discutida, e o tema do aborto virou motivo de chantagem, ingrediente eleitoral. O medo de enfrentar o poder eleitoral das igrejas conservadoras (algumas com práticas que são verdadeiro terrorismo da palavra!) tem deixado os candidatos, neste segundo turno, inteiramente prisioneiros de posições acanhadas que só acanham a sociedade brasileira. Os discursos dos candidatos ou daqueles que os apóiam referem-se a esses temas como “coisas sem importância”, “baboseira”, “política do submundo”, “baixaria”, “questões secundárias”, entre outras expressões, revelando o quanto, em suas concepções, a política é compreendida como a esfera de coisas cuja importância não torna possível a ocupação com temas “menores” como os direitos civis de gays, lésbicas e transexuais ou a questão do aborto. Mesmo a alusão a que alguém seja gay ou lésbica é tratada como “acusação”, “calúnia”, numa clara revelação que se tem a homossexualidade como um atributo negativo. Do contrário, por que tomar como calúnia ou acusação a referência (verdadeira ou falsa) à homossexualidade? O modo de responder não deveria ser outro? Por que sentir-se “difamado” por alusão à suposta homossexualidade? Na tensão da disputa, perde-se o senso crítico e o senso comum vai ganhando a confirmação de suas representações, preconceitos...

Não se torna mais possível que, no século XXI, dois importantes partidos como o PT e PSDB se permitam rebaixar seus programas, discursos e posicionamentos à vontade de religiões conservadoras que conduzem o país para o atraso cultural e político. Conciliar com a vontade das igrejas cristãs conservadoras e homofóbicas, em nome de pragmatismo político, é permitir que aqueles que hoje exigem “compromissos de campanha” contra o aborto e contra os direitos LGBT, e outros temas que incomodam, tornem-se amanhã, dentro e

fora do Congresso Nacional, como cães de guarda da moral sexual vigente, os primeiros e mais ferrenhos opositores de posicionamentos e ações de governo favoráveis a políticas públicas e direitos que não podem mais continuar suspensos, negados, obstruídos, confiscados.

Na disputa final, PT e PSDB deveriam dar lições de coragem política, enfrentando a ideologia familista cristã conservadora que faz com que a sociedade brasileira seja hoje uma das mais atrasadas em relação aos direitos LGBT e a questão do aborto. Mas, inversamente, assistimos os dois partidos com peças de marketing caricaturescas de “mães brasileiras”, “mulheres grávidas”, “valores sagrados”, “fé”, “família”, visitas a templos etc. Imagens e palavras de concessões ao familismo cristão conservador, numa clara alusão a posições anti-aborto e contrárias a qualquer defesa de direitos que incluam as reivindicações do segmento LGBT como casamento, adoção etc. Dilma acaba de assinar carta em que se compromete a nada fazer que “afronte à família”, mesmo diz que alterará o PLC 122 (que trata da criminalização da homofobia) nos pontos em que este seja “ameaça” à liberdade religiosa e de expressão (isto é, tenta acalmar os padres e pastores homofóbicos, que querem ter o direito de, em seus sermões, continuar maldizendo a homossexualidade e os gays e lésbicas) e que é “pessoalmente contra o aborto”. Por sua vez, Serra traz a figura da comvente “mãe” e sua solidária ideologia do “amor materno”, discurso subliminar contra o aborto, e, embora tenha assinado documento em que se posiciona favorável à “união civil” de homossexuais, declara que não é favorável ao “casamento”, assunto que seria das igrejas.

Dilma e Serra deveriam ter a coragem de desafiar a ideologia familista cristã numa prova de coragem para governar uma sociedade que não pode ter no seu Estado um lugar de atuação de religiões, mas um espaço laico. Única possibilidade de elevar a própria esfera política à posição de esfera na qual não se toma posições baseadas em crenças ou critérios religiosos, mas a partir de critérios racionais, públicos e políticos. Todavia, escondidos nas razões do pragmatismo político-eleitoral e submetidos à ideologia do marketing, que, contemporaneamente, substitui a própria política, as duas candidaturas rebaixam seus propósitos e deixam-se derrotar por um familismo homofóbico e conservador que, qualquer que seja o resultado eleitoral, já pode comemorar sua vitória.



Da cegueira do retrocesso ou: vamos todos para o inferno?

Nossas vivências e experiências, desde que nascemos, são permeadas e constituídas por oposições e polaridades, por desafios e dicotomias. Aprendemos muito cedo o que é “quente” e “frio”, o que é “certo” e “errado”, o que é “normal” e “anormal”. Nessa obsessão classificatória, nessa necessidade premente de ajustar o mundo e seus seres à estruturas compreensíveis que nos façam dormir e acordar em segurança contra o que é “diferente” (e portanto ameaçador), nos tornamos quase sempre pessoas que não ousam. Que não experienciam a coragem de ir além, de transgredir, de inventar o impossível cotidianamente até que ele se torne possível, visível, tátil.

Mas há os que ousam, os que tentam, os que contrariam. Os que sonham e realizam, os que se insurgem contra o conforto das maiorias absolutas, da normalidade reinante, seja nas esferas pessoais, políticas, acadêmicas, relacionais. Estou ao lado destes, e seguram minha mão nessa fileira tantos outros, tantas outras, seja em memórias afetivas dos que passaram pelo meu caminho, seja em corpo e espírito de luta, como atualmente.

Me vejo então instada a escrever e refletir sobre o que está acontecendo em nosso país, na hora crucial de escolhermos quem presidirá nossa república pelos próximos quatro anos. Ao meu lado, como já disse, caminham e lutam outros e outras tantos e tantas. Escrevem, exercem a indignação, conversam, brigam, concordam e discordam; compartilhamos, porém, o mesmo espanto, a mesma dolorida sensação de que vamos retroceder. Não individualmente, cada um e uma de nós, capazes de reinventarmos a nós mesmos e mesmas tantas vezes ao longo da vida. Retroceder pode ser estratégico, pode ser uma pausa para pensar melhor, para rever conceitos. Avançar nem sempre é sábio, e pode significar apenas arrogância e desespero.

Mas não posso compactuar com o retrocesso que paralisa. Com o retrocesso que é guiado pela cegueira do medo, da suprema covardia de assumir posições claras e justas, dignas e passíveis de nos elevar a um outro patamar social, mais igualitário e humano.

O que temos visto acontecer no debate político (que é também pessoal, como o

sabemos) no cenário brasileiro neste momento, quando estamos a duas semanas da eleição que definirá nossos rumos sociais, econômicos, políticos e – outra vez – pessoais, é exatamente a cegueira. Cegueira absoluta e diversa daquela que costumamos imputar à quem não vê. Diferente do que pensamos na maioria das vezes, pessoas cegas veem tão ou mais do que qualquer outro ou outra que tenha olhos capazes de enxergar. VER é muito diferente de ENXERGAR. Ver passa por sensibilidade, por tato, por olfato. Passa por ouvir pessoas, sons, ruas, identificar os obstáculos do caminho através de todos os sentidos. A questão aqui, então, parece ser mais do que a cegueira do não ver, mas também a do não enxergar. E é esta que nos conduziu até aqui, e parece, nos conduzirá ao retrocesso paralisante, indigno, feroz e cruel.

Não falo apenas de nossas conquistas em políticas públicas, dos avanços na área da educação, na área dos direitos humanos. Não é um clamor afetado e vazio sobre a importância dos movimentos sociais, ou porque gays e lésbicas não poderão ter a garantia de seus direitos civis respeitados.

Falo porque atrás de cada política pública, há pessoas. Atrás do Programa Brasil sem Homofobia, há crianças, adolescentes, jovens e adultos inseridos em espaços escolares e educacionais, formais e informais, que poderão outra vez ser calados, reprimidos, excluídos, depois de termos acreditado que este era um “país de todos”. Atrás das políticas públicas implantadas por decreto, lei, instrução normativa, há profissionais de todas as áreas, pessoas de todas as origens, brasileiros, brasileiras, que acreditaram que o “país do futuro” finalmente havia chegado lá, e olhado para todos os seus cidadãos. Atrás de cada Secretaria Especial da Presidência da República, há mulheres, homens, negros e negras, idosos e idosas, gays, lésbicas, travestis, transexuais, parte deste mesmo Brasil que está prestes a retroceder, e afirmar uma vez mais que é preciso mantê-los à margem, na sombra, longe deste lugar de destaque, onde podem falar, ouvir, dialogar, construir um país mais justo.

Eu não sou uma política pública. Eu não sou um número em um prontuário. Eu não sou um código identificando um projeto de Lei que jamais será votado. Eu não sou parte de uma sigla que tenta abranger a todos e todas, apenas.

Sou isso, também, mas muito mais. Sou antropóloga, pesquisadora, mulher, negra e lésbica. Sou aprendiz e educadora, militante e sujeita de minhas reflexões e relações. Sou uma mulher que já ajudou amigas a pagar por abortos clandestinos, sabendo do risco, do medo, da dor, da solidão e da perversidade de um sistema que julga essas mulheres como assassinas.

O retrocesso conduzido pela cegueira de quem pretende nos governar nos diz que é preciso proibir mulheres de matar crianças, e penalizá-las judicialmente caso insistam. Este mesmo retrocesso nos diz que não, que o imenso contingente homossexual do país deverá permanecer confinado à decisões pontuais sobre seus afetos e direitos, porque o Brasil não está disposto a ampliar suas ações nesse sentido.

Pois declaro que a mim, nem todas as mortes são físicas. Entre um aborto e direitos negados, creio que os segundos matam muito mais. Mata mais crianças quem nega direito de adoção à casais de gays, lésbicas, travestis, transexuais. Mata mais mulheres quem as coloca outra vez na posição de culpadas, por negarem o dom “natural” da maternidade, como se isso fosse definidor de seus sexos e seu gênero.

Algo me diz que estão matando um Brasil no qual acreditamos nos últimos oito anos, e que é fruto de lutas históricas de mais de 40 anos. Aqueles que se dizem “a favor da vida”, que se dizem “comprometidos com os ideais cristãos”, que defendem “o direito de nascer”, que proclamam em nossas tevês, rádios, Facebooks, Twitters, sites, blogs que acreditam em Deus, são os mesmos que estão nos guiando, cegamente, para o inferno.

O inferno, parece, é um lugar cheio de boas intenções. E é preciso mais do que elas para fazer do mundo um lugar melhor. No caso do Brasil, acho que ainda não será dessa vez.

Anelise Fróes (NIGS/UFSC)



Queremos casar. Fazemos abortos. Mudamos de sexo. Amamos viados. Mulheres são nosso ideal. E, mais que tudo, existimos e resistimos.

Luiz Mello

Pesquisador do Ser-Tão e professor da Universidade Federal de Goiás

Quando adolescente, no final dos anos 70, uma das máximas da resistência ideológica de minha geração era um trecho de poema atribuído ao russo Maiakovski, mas que é de Eduardo Alves da Costa. Intitulado *No caminho com Maiakovski*, em um trecho diz assim: “Na primeira noite eles se aproximam / e roubam uma flor / do nosso jardim. / E não dizemos nada. / Na segunda noite, já não se escondem; / pisam as flores, / matam nosso cão, / e não dizemos nada. / Até que um dia, / o mais frágil deles / entra sozinho em nossa casa, / rouba-nos a luz, e, / conhecendo nosso medo, / arranca-nos a voz da garganta. / E já não podemos dizer nada”. Creio que é hora de dizermos:

SOMOS LÉSBICAS, TRAVESTIS, GAYS E TRANSEXUAIS. SOMOS MULHERES E FAZEMOS ABORTOS. REIVINDICAMOS ACESSO IGUALITÁRIO AO CASAMENTO, À UNIÃO ESTÁVEL, AO DIVÓRCIO, À INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL, À BARRIGA DE ALUGUEL, À ADOÇÃO. QUEREMOS TER DOIS PAIS HOMENS OU DUAS MÃES MULHERES. SOMOS CATÓLICOS-AGNÓSTICOS-UMBANDISTAS-EVANGÉLICOS-ATEUS E ESTAMOS EM TODOS OS LUGARES.

Não há nenhuma necessidade real de pertencermos a qualquer desses grupos ou de desejarmos usufruir qualquer dos direitos que lhes são negados. O fundamental é ter a clareza de que

não se trata apenas de uma ameaça à cidadania e mesmo à sobrevivência física de pessoas homossexuais, travestis, transexuais e de mulheres heterossexuais, embora a garantia de seus direitos humanos seja um imperativo absoluto. Num nível além das aparências mesquinhas, o que está em jogo é algo precioso para todas as pessoas, por serem princípios fundamentais da vida democrática: a laicidade do Estado, a liberdade e autonomia dos indivíduos, a garantia da igualdade na esfera pública.

Agora são as mulheres e os segmentos LGBT os alvos do desejo de morte física e simbólica dos que se auto-intitulam representantes da única concepção aceitável de vida e de humanidade. Amanhã continuarão a ser eles, concretamente expulsos de seus trabalhos e perseguidos rua afora, por termos feito abortos ou por amarmos um igual... Depois de amanhã, ... poderá ser qualquer um que se torne o o(a)bjeto da ira dos intolerantes seguidores de um deus inventado para justificar uma lógica perversa de manutenção de privilégios, para os de sempre: **m a c h o s - d o m i n a n t e s - heterossexuais** e os que com eles se macomunam. Basta olhar quem são os donos do poder e quem ocupa majoritariamente os espaços de decisão política de nossa sociedade – nos poderes legislativo, judiciário e executivo, nas igrejas, no tráfico de drogas, na estrutura policial, etc.

Não sei se é lenda, mas há alguns anos ouvi uma história incrível: quando os nazistas invadiram a Dinamarca, não conseguiram prender grande número de gays e lésbicas, diferentemente do que ocorreu em muitos outros países durante a segunda guerra mundial. Antes que as prisões se tornassem um fato irremediável, centenas de milhares de dinamarqueses **c o m e ç a r a m a u s a r** voluntariamente em suas roupas o

símbolo do triângulo rosa invertido, empregado por nazistas para identificar homossexuais nos campos de concentração. A solidariedade foi a fonte da resistência. Não é à toda que muitos anos depois a Dinamarca tornou-se o berço dos direitos conjugais de lésbicas e gays na contemporaneidade.

Apenas por muito pouco estamos hoje distantes das mãos dos que se sentem no direito de dizer quem deve e quem não deve viver – e como viver –, seja por razões de Estado, seja por razões religiosas. Isso é inaceitável. Quando um grupo de pessoas se vê na iminência de perder direitos de cidadania e humanos por terem se tornado o bode expiatório da vez, toda a estrutura democrática da convivência humana está ameaçada. Num momento em que o machismo homofóbico é nitroglicerina pura e o combustível ideológico das igrejas nas disputas de poder relacionadas a um projeto de sociedade que nega direitos sexuais e reprodutivos a grupos específicos, um caminho de resistência talvez seja dizermos que somos **tod@s ess@ outr@** que querem calar, castrar, excluir e aniquilar. E é urgente fazermos isso agora, desobedientemente, sem medo de assumirmos politicamente a rebeldia do oprimido que se revolta e não aceita as bases da vida desumanizada que lhe está sendo imposta. Se nos calarmos neste momento, talvez amanhã não possamos dizer mais nada.





Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades

Site — www.nigs.ufsc.br

E-mail — nigsnuc@cfh.ufsc.br

Telefone — (48) 3721-9890